

Jackie

Esmeralda Gonçalves

... Quando a dor dilacerante arrebatou a tua alma,

Lembra-te,

Quão raro e bonito é o simples facto de existirmos...

Jackie permanecia inerte, com os seus olhos negros desprovidos de vivacidade até ao momento que os cerrou, protegeu a face, indolente aos pontapés e bofetadas que o Rodrigo e o Sebastian lhe lançavam. Era apenas mais um dia na recente vida de Jackie. A lembrança intacta da voz da sua mãe era o seu protetor, a sua droga analgésica. Quando a rajada de golpes lhe caía em cima, ele concentrava-se no seu retrato, os seus cabelos ondulados ligeiramente grisalhos misturavam-se com o preto, a sua pele engelhada ao de leve pelas horas passadas no campo, o último beijo na testa e o adeus.

Jackie despertou quando sentiu o toque afetuoso e o seu nome a ecoar através de um clamor vindo de uma voz leve mas rigorosa, calorosa no entanto anónima.

“ Jackie, Jackie sou eu, Mary-Louise.” – enquanto isso, afasta-lhe as mãos, deixando a sua face ao descoberto. Ambas as pálpebras de Jackie mantinham-se encerradas, ou o músculo elevador deixou de exercer a sua função ou o medo era superior a qualquer reação unicamente fisiológica. “ Jackie, podes abrir os olhos, eles já foram com a professora para dentro, não precisas de ter medo, o pesadelo acabou.” – reconforta Mary-Louise.

Jackie tivera viajado para um mundo paralelo, não se deu conta da azáfama que resultou à sua volta, quer da chegada da professora ou dos gritos de Mary-Louise a afastar Sebastian e Rodrigo. Estes já não se encontravam ao seu lado, a plateia que os aplaudia entusiasticamente tinha-se secumbido à presença de Mary-Lou. O recreio estava embrulhado em um silêncio amistoso.

“ Mary-Louise, qual seria o teu pior pesadelo?” – disse Jackie numa voz alquebrada.

Por detrás dos seus humildes catorze anos, Mary-Louise sabia que qualquer resposta seria inútil, principalmente algo pomposo, sem qualquer conteúdo. Ela encarava-o, desconcertada pela visão daquele rapazinho, apenas tinha nascido um ano anterior a si, toda a inocência se tinha extinguido, ficando apenas uma alma vazia num corpo meramente entorpecido.

Jackie por fim permitiu que a luz particular do Outono o ilumina-se, e lá se encontrava a deslumbrante Mary-Louise, os seus gigantes olhos azuis encaixavam-se na perfeição da sua face. Jackie tinha a certeza que Mary-Louise era obra de alguém superior, nem o esquadro e a régua eram capazes de criar tal simetria. Os seus cabelos louros, dançavam ao ritmo da viração, a sua atenção fantasiou aquele instante e a dor abrandou.

“- Quão raro e bonito é o simples facto de existirmos ... Mãe.” - murmura Jackie num tom inaudível.

“- Ah? Jackie que disseste?”

“- Jackie, estás a ouvir-me? Não que eu não esteja a gostar da nossa conversa, mas as minhas mãos estão a ficar envolvidas em gelo e temos que ir contigo à enfermaria” – o vento agreste era sentido como lâminas à procura das zonas do corpo ao descoberto – “Não te preocupes evitamos os espelhos pelo caminho” – acrescenta, sorrindo levemente ao mesmo tempo que se levanta do solo, estendendo a mão na direção de Jackie.

Jackie aceita o gesto tremeleando, o movimento do braço provoca-lhe uma dor lancinante no flanco abdominal direito que este tenta omitir, sem sucesso.

“ Ok Jackie, vamos para dentro, apoia-te a mim, eu não te deixo cair.” – disse não muito segura da sua afirmação.

Entre passos instáveis, Mary-Louise conseguiu carregar Jackie até à enfermaria. A partir daí, a enfermeira encarregou-se de Jackie e direccionou Mary-Louise para a sala de aula contra a sua vontade.

“Jackie tu não imaginas o medo que me assalta cada vez que te vejo a entrar por aquele portão da escola, não há um dia que passe sem rezar para que não venhas aqui parar, de novo. – encara-o com um olhar de tristeza e indignação - “Deixaram-te num estado, meu anjo.” – Jackie aproxima-lhe um lenço que tinha no bolso. “- Obrigada... Jackie” – disse num suspiro, limpando o rosto molhado.

Enfermeira Johanna era das poucas pessoas que o protegia, porém não detinha qualquer poder no conselho diretivo da escola, sendo ignorada cada vez que abordava a situação de Jackie. Este acabou por adormecer no seu colo, abraçou-o como se não houvesse amanhã, ali ficaram durante mais de duas horas à espera que o pai de Jackie chega-se do trabalho para o levar. Já o sol se tinha perdido na imensidão da escuridão, quando este alcança a enfermaria.

“ Desculpe, desculpe, não me deixaram sair mais cedo, eu implorei, eu fiz de tudo, e sabe que se eu perder este emprego, nunca mais me darão outro.” – disse já sem fôlego, elevando as mãos em fúria e tensão.

“Não se preocupe, Sr. Lopes, eu sei perfeitamente as condições em que está. Ele adormeceu pouco depois de o ter curado.”

“ Foram os mesmos, Enfermeira Johanna?” – pergunta já sabendo a resposta.

Acente. “- Sr. Lopes, ele está com equimoses extensas nas costas, pernas, e algumas feridas superficiais nos lábios e face. “Por mais que eu queira que ele tenha uma vida normal, a próxima vez pode ser muito pior e sinceramente...” – não se imaginará a pronunciar tal sentença - “Não sei se ele deve continuar a vir.”

“ A mãe de Jackie era professora, passou-lhe o bichinho do conhecimento, será difícil fazê-lo desistir”- diz, relembando a sua esposa com um tom de carinho e acima de tudo de cansaço.

A esse momento o jantar estava a ser colocado na mesa em casa dos Robbins. Uma sala grandiosa, um ultraje de espaço para três pessoas, dois candeeiros desfilavam em toda a sua elegância, a partir do teto branco celestial em cada extremo da mesa. As pérolas destes reluziam mesmo com a luz desligada. Mary-louise terminara os trabalhos de casa, vindo sentar-se apenas à terceira vez que a mãe a chamou.

“Mary-Lou, está tudo bem? Como correu o dia da escola?” – estranharam o silêncio de Mary-Louise enquanto esta fazia um esforço para segurar o garfo e o levar à boca os legumes que se entediavam no seu prato.

“Sebastian e Rodrigo voltaram a bater no Jackie.”- disse.

“ Afinal quem é o Jackie, Lou?” – interfere o seu pai num ato raríssimo. A realidade é que Mary-Louise tinha desenvolvido um interesse súbito nesse tal Jackie, que ambos desconheciam, não por completo desinteresse aos assuntos ligados à sua filha, unicamente trabalhavam na cidade, não se encontravam relacionados com os vizinhos e com as novas chegadas.

“Jackie chegou á cerca de um mês à escola, pai. Tem apenas mais um ano que eu, e é muito bom aluno, é um génio a matemática, e faz sempre mais trabalhos do que a professora pede e ...”

“Se é assim tão incrível, porque está constantemente a ser vítima de violência. A escola não age perante isso, Lou?” – disse interrompendo a sua filha, sabendo que algo não estava de acordo.

“ Porque Jackie é um menino Refugiado.” – murmura timidamente Mary-Louise.

Um silêncio constrangedor apodera-se da sala. O som oriundo do forno da cozinha, fez com que a mãe de Mary-Louise se ausente por um breve momento, regressando com uma travessa onde no seu interior um pato disfrutava da companhia das batatas assadas.

“- Ele alguma vez te tratou mal, ou olhou para ti de forma diferente?”- disse o seu pai com um ar judicioso.

“- Nunca pai, pelo contrário, ele nunca falou para mim, sempre espera por eu entrar, abre-me a porta, passa-me o caderno com a explicação quando eu não entendo um exercício. O resto do tempo ele simplesmente não incomoda ninguém, fica dentro da sala de aula entretido com as suas equações.” – apressou-se Mary-Louise a responder.

Uma nuvem de incerteza pairou no ar. O seu pai serviu mais uma peça de pato e verduras para o prato e encheu o copo com o vinho tinto de reserva.

“- E quando é que nós teremos o prazer de conhecer esse tal Jackie?” – perguntou-lhe a voz harmoniosa do seu pai, dando a mão à sua esposa e sorrindo um para o outro e de volta a Mary-Louise.

Mary Louise estava estiolada com a reação deste, estava preparada para uma discussão acerca dos perigos, do ultraje que seria o facto de a sua filha conviver com um menino refugiado, isto havia a apanhado de surpresa. “Um dia ele podia vir cá estudar.” – respondeu a medo, dando um longo gole de água – “se vocês não se importarem”.

“Parece-me perfeito Lou, fala com ele e avisa-me com tempo para eu preparar um lanchinho” – disse a sua mãe, regressando ao assunto que estava a debater com o marido antes de falarem de Jackie – “Não faço ideia como vamos ultrapassar os rankings da outra empresa, estão a trabalhar No-Stop.”.

E ali seguiram a conversar, como todos os outros os dias das suas vidas. Mary-Louise ajudou a arrumar a mesa, e terminaram os três sentados no sofá da sala, agora com uma iluminação ténue. O dia em que entendeu o verdadeiro significado da palavra orgulho, este consumado pela atitude dos seus pais desde hoje até ao momento em que terminarão o seu capítulo nesta vida.

(...)

Estava um dia resplandecente, o céu estava coberto por azul oceânico, a brisa estava leve dando apenas algum movimento às folhas das árvores já prestes a cair pelo encanto do Outono. Mary-Louise já se encontrava dentro da sala de aula, desmoralizada pelo segundo dia de ausência de Jackie. O seu dia resumira-se a rabiscos nas folhas do caderno e a uma breve passagem no consultório da enfermeira Johanna.

Johanna detalhou-lhe todo o relatório clínico de uma forma suave comparada com as verdadeiras sequelas que tinham provocado no Jackie, relatando apenas umas equimoses na face. Mary-Louise sabia que pelo caminhar daquele dia, que as pancadas afetaram uma das pernas. Após saber a informação clínica, fingiu uma dor no estomago para evitar cruzar-se com o demoníaco Sebastião e Rodrigo, não tencionava perpetrar um ato de tal semelhança ao do dia anterior ao que estamos.

(...)

A mochila com um estampado de Elsa repousava no último degrau das escadas da escola, ao contrário da sua dona, que se movia irrequietamente à sua frente. Pensava ir vê-lo mas não tinha a sua direção, nem sabia como ele iria reagir. A realidade é que eles nunca tinham falado até ontem, não por ausência de tentativas da sua parte. Mesmo que quisesse agora não teria tempo, a sua mãe devia de estar a chegar. Terminara por se entreter com as pedritas de diversas formas que repousavam nos degraus das escadas.

- “Olá Mary-Lou” – disse uma voz tímida do outro lado do portão.

E ali estava Jackie, com o cabelo anormalmente bem penteado, e um sorriso natural que ofuscava as nódoas negras na sua face. Ele caminha na sua direção atrapalhadamente, cambaleando, o seu coração estava prestes a romper a caixa torácica, nunca se tinha sentido assim e não fazia ideia do que se tratava. Tinha estado toda a manhã a elaborar o que dizer quando a visse, e no exato momento em que esta lhe retribui o olhar, as suas ideias balanceavam desordenadamente, como uma pilha de folha numeradas que acabaram de desabar no solo.

- “Olá Mary-Lou”... - depois inclinou o seu tronco e acrescentou – “eu ainda não me tinha devidamente apresentado, chamo-me Jackson Lopes, mas todos me tratam por Jackie.” – oferecendo a sua mão.

- “É um prazer conhecer-te Jackson, quer dizer Jackie.” – cumprimentou, fazendo-lhe chegar a sua mão num gesto delicado – “Eu chamo-me Mary-Louise, gosto mais de Mary-Lou ou simplesmente Lou, como os meus pais me chamam.” – disse notando um calor crescente na parte carnuda de cada uma das faces enquanto Jackie beija a sua mão.

- “ És um cavalheiro à antiga, Jackie.”

-“ Acredito que existem gestos que se devem perpetuar para lá dos tempos, e este significa respeito e admiração, por isso é adequado à circunstância”. – explica, receando que a sua forma de se de expressar seja do desagrado de Mary-Louise. Jackie, detinha um conhecimento da linguística superior a qualquer menino da sua idade.

“ – Obrigada Mary-Lou, por os teres parado ontem.”

“- Jackie não tens que agradecer, fiz o que qualquer um faria no meu lugar.” – mentiu, num tom leve e agradável.

“- Não Mary-Lou, foste a única que agiu quando todos se tornaram cegos do coração e da razão.” – aproximando e dando-lhe um beijo na têmpora. - “ Eu e o meu pai decidimos que eu não voltaria á escola.” – declarou Jackie, afastando-se.

- “ O quê Jackie? Não podes deixar que eles te metam medo, eles irão perceber que tu és igual a cada um de nós.” –angustiada com hipótese por ele apresentada.

- “ Não, Mary-Lou eles continuarão a atacar-me. As pessoas já não nos vêem como alguém que precisa de ajuda, mas sim com medo. Eu sou o terrorista que irá destruir as suas famílias, vidas, a sua suposta felicidade. E eu tenciono cumprir a promessa que fiz à minha mãe.” – sustendo as lágrimas que ameaçavam surgir sem autorização.

- “ Posso perguntar algo Jackie?”- inquiriu Mary-Louise, enfiando a mochila nas costas e caminhando em direção à rua principal.

Jackie sentia uma confiança cega naquele ser irreal que se encontrava à sua frente. Ela amenizava a sua dor, seguindo-a.

“ – Queres saber o que aconteceu à minha mãe?” – Mary-Louise anuiu. – “ A minha mãe era professora do primeiro ciclo, tinha realizado os seus estudos na Europa após abandonar a Síria, e voltou para exercer a profissão nas escolas da nossa cidade, Palmira. Acreditava que devia de estar onde realmente precisavam dela. Com os anos, conheceu o meu pai, casaram-se e pouco tempo engravidou, tendo nascido eu. O meu pai na altura era um agricultor. Nós tínhamos uma vida estável, eu ganhei o gosto de ler e dos números da minha mãe e a humildade do meu pai. Infelizmente, a tensão no nosso país aumentava com o tempo, algumas vilas estavam a ser destruídas contudo a nossa permanecia a salvo, parecia intocável, continuava a ser a mais visitada.” – caminharam em direção a um banco de madeira, uma fenda nas nuvens fez com que

o sol inundasse a rua principal - “Num dos dias, eu atrasei-me para as aulas, estava a ajudar o meu pai a plantar uns morangos e perdi a noção das horas. Corri para casa, vesti-me, peguei na bicicleta a caminho da escola. Já me encontrava 10 minutos atrasado para a aula de Matemática, lecionada pela minha mãe. Encontrava-me relativamente perto da escola, quando fui projetado pelos ares.” – um suspiro profundo e um vazio nos olhos de Jackie surgiram naquele instante, Mary-Louise adivinhou o que se seguia – “ - Uma bomba explodiu no interior da escola. Eu fiquei inconsciente por uns minutos, lembro-me que os meus gritos de dor foram abafados pelos que vinham de dentro da escola. Consegui mover o meu corpo até aos escombros. Pouco conseguia ver, só me lembro do cheiro a carne queimada. Cambaleei geograficamente, até junto da sala da minha mãe. Sei que gritei o seu nome, vezes sem conta, até ouvir um gemido de volta. E lá estava ela, envolvida nos destroços. Identifiquei, através do relógio que lhe tínhamos oferecido pelo Natal, o seu braço direito que jazia desconectado do seu corpo. Consegui retirar algumas pedras de cima, até ver a sua face. Sangue corria da sua boca como os riachos no Inverno. Ela olhou para mim, e tentou sorrir, eu disse-lhe que ia chamar por ajuda, e ela gemeu mais alto, limpei-lhe a boca e tentei apoiar a minha mão sobre a sua nuca. Foi quando ela inspirou fundo e disse: “... Quando a dor dilacerante arrebatou a tua alma, lembra-te, quão raro e bonito é o simples facto de existirmos...” – Jackie acometido por uma sensação atónica de horror não se apercebera que começara a chorar – “ Eu não entendi o que ela queria dizer, e num último esforço ela disse as suas últimas palavras: “ Corre Jackie, não olhes para trás, procura o teu pai, mantém-te a salvo por mim. Nunca se esqueçam do quanto eu vos amei. ” – continuou Jackie, falando paulatinamente e entre o choro. Mary-Louise virou-lhe a cara lentamente para si, limpou-lhe as lágrimas e este confessou – “ Eu fiz o que ela disse, ignorei os gritos dos meus colegas despedaçados e corri para bem longe, nunca mais olhei para trás.”

E a partir desse dia, Jackie e Mary-Louise não souberam o significado da palavra solidão.

Partilharam a mocidade um do outro, em todos os sentidos que a palavra alcança. Funcionavam como um íman, quanto mais se aproximavam maior a cumplicidade. Algo crescia nas entranhas da ingenuidade, seria amor, ninguém o conseguira explicar. O final da tarde era marcada pela presença de Mary-Louise na casa de Jackie, para a qual caminhava alegremente com os seus apontamentos. Felizmente, voltou à escola passado um ano. Naquele meio tempo, aprendera a arte da mecânica, auxiliando nas despesas da casa. No início de cada ano letivo, a enfermeira Johanna, comprara-lhe todos os manuais lecionados na escola, ele os lera do dia para a noite. Quando não se encontrava a trabalhar ou na escola, dividia o seu tempo com Mary-Louise, seu pai e a biblioteca da cidade. Ficam por contar diversas batalhas com Sebastian e Rodrigo, só menciono que Jackie aprendera a esquivar-se aos golpes e tinha uma “direita” fenomenal. As pessoas da cidade pararam de odiar os Lopes, somente os cegos da mente mantinham a opinião que estes não pertenciam a lugar nenhum, a não ser ao sentido figurado do Inferno.

Por entre os anos, Jackie reencontrara-se com a parte de si queimada no incêndio, aquele miúdo feliz, irrequieto e sequioso por conhecimento. Conquistara a confiança e admiração dos pais de Mary-Louise. Acompanhava-a a casa todos os dias, carregava no seu ombro direito a sua mochila e lia-lhe os seus poemas preferidos, desde Shakespeare a Fernando Pessoa. A este, declarava-o com mesma paixão desde o primeiro dia:

“ Amo como ama o amor. Não conheço nenhuma outra razão para amar senão amar. Que queres que te diga, além de que te amo, se o que quero dizer-te é que te amo?”

Compartiram o primeiro beijo no dia em que Jackie lhe levava um ramo de rosas colhido do seu quintal, no décimo sexto aniversário de Mary-Louise.

– Sendo apenas o começo da nossa estória. – deixo o tom de voz narrativo - E vamos ficar por aqui por hoje, hora de nanar, Vitória e Jackson.- afirmo, por entre a cara molhada e os olhos brilhantemente cintilantes.

– Oh mãe, anda lá conta o resto, agora queremos saber o final, por favor. – contesta Jackson, dando vida aos lençóis que o detinham.

- Prometo, que amanhã vos conto um pouco mais. Perguntaram-se sobre o que tenho vido a escrever, agora já sabem, sobre o Jackie.

- Também chamam ao Jackson, Jackie na escola, mãe. – aponta Vitória num tom suspeito, pretendo ignorá-la, já tinha sido uma montanha-russa de recordações por uma noite. Acrescentou: – Porque choravas enquanto contavas a história? Mãe, tu amavas o Jackie mais do que agora o pai? – inquiriu a sua filha mais nova.

Só havia uma resposta aquela pergunta. Guardo-a para mim. E mantenho-me fiel ao guião.

- Claro que não, meu amor, o teu pai é o meu presente e o meu futuro. – digo atordoada, adiantando: - Está na hora de dormir, vamos lá para dentro dos lençóis.

Senti uma facada a dilacerar o meu peito, a cada sílaba pronunciada naquela frase. Jackie tinha sido o único homem da minha vida, o meu marido, Eddie, foi a forma de afoguentar parte da solidão. Contudo, sei que Eddie deu-me a razão de continuar a viver, de lutar contra os demónios e manter-me sã, os meus belos filhos. Eu nunca precisara de procurar a felicidade, enquanto tivera Jackie ao meu lado. Levaram-no de mim, sentenciando-me a uma morte lenta e dolorosa, sendo os meus filhos o alento dos meus dias.

Não passo um dia em que não o imagine aqui, comigo. Durante anos, procurei em cada homem um pedacinho de Jackie, e o resultado dessa busca foram cicatrizes incontornáveis e progressivamente mais profundas na minha alma e por fim no meu fígado. Amei Jackie violentamente, despira todo o meu ser e depusitei-o nele. Quantas vezes não tive o desejo de bater nas portas do “Céu” para o voltar a ver mais uma vez, para sentir o frenesim aquando o seu toque, os seus lábios cobrindo cada insegurança e ouvir a sua voz: “Quão raro e bonito é o simples facto de existirmos”.

-Amanhã lê- nos mais sobre o Jackie, mãe? – pergunta Jackson.

- Claro que sim, mas será o nosso segredo. – confirmo com o coração cheio.

Termino de os adormecer. Escuto o som da televisão do andar de baixo e supôs que Eddie ainda estaria a ver o jogo. Dirijo-me para o escritório. Quando lá chego, permaneço um tempo à janela na contemplação da escuridão que se assomava ao apagar dos lampiões da rua principal. Desloco o meu movimento para a última gaveta da secretária, pego no envelope, abro a folha que tinha no seu interior e releio a carta que havia escrito a Jackie, no dia anterior:

“ O amor é aquele pedaço de vida completamente ao descoberto, frágil, inseguro e exposto à erosão do tempo. E passado tanto tempo, nós o moldamos à nossa forma. Hoje, deixei os miúdos na escola e deixei a vontade guiar-me. Nem acreditas onde esta me levou, aquele banco de madeira à frente da nossa escola. Já sabes, transformei toda a quantidade de água do meu corpo em lágrimas, a recordar-me daquele dia. Tu fazias-me viver o momento, nunca pensava no passado ou no futuro, porque eu sabia que o primeiro te tinha trazido até mim e que o segundo seria vivido contigo. Tu foste sem avisar. Amar o que perdi provoca uma dor irreparável no meu coração. Eu nem sei o que, nem porque, só sei que te amei. Dói e unicamente eu não sei porquê, só te digo que sou dependente dela, é através dela que te mantenho vivo. A imortal saudade de ti, Jackie, envolve-me numa brisa aconchegante, e assim eu sei, que ficaremos sempre unidos.”

Com amor,

Mary-Louise

Dobro em quatro a folha e coloco-a de volta ao envelope. Abro a janela, seguro uma nova folha em branco, alcanço uma caneta, e deixo que Jackie me envolva ao longo da minha escrita.